



Laboreal

Volume 18 Nº1 | 2022
O trabalho animal

Como reconstituir a vida afetiva do passado? A sensibilidade e a História

Como restituir la vida afectiva de antaño? La sensibilidad y la historia

Comment reconstituer la vie affective d'autrefois? La sensibilité et l'histoire

How to reconstruct the emotional life of the old times? Sensitivity and history

Lucien Febvre

Tradutor: Flora M. G. Vezza (floravezza@gmail.com)



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/laboreal/19440>

DOI: 10.4000/laboreal.19440

ISSN: 1646-5237

Editora

Universidade do Porto

Referência eletrónica

Lucien Febvre, «Como reconstituir a vida afetiva do passado? A sensibilidade e a História», *Laboreal* [Online], Volume 18 Nº1 | 2022, posto online no dia 22 julho 2022, consultado o 05 agosto 2022. URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/19440> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/laboreal.19440>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2022.



Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional - CC BY-NC 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Como reconstituir a vida afetiva do passado? A sensibilidade e a História

Como restituir la vida afectiva de antaño? La sensibilidad y la historia

Comment reconstituer la vie affective d'autrefois? La sensibilité et l'histoire

How to reconstruct the emotional life of the old times? Sensitivity and history

Lucien Febvre

Tradução : Flora M. G. Vezzà (floravezza@gmail.com)

REFERÊNCIA

Texto original: Febvre, L. (1941). Comment Reconstituer la Vie Affective d'Autrefois? La sensibilité et l'histoire. *Annales d'Histoire Sociale*, III, (1-2). Reimpressão em Combats pour l'histoire, 1952/1992 (pp. 221-238). [1]

- 1 A sensibilidade e a história: um tema novo. Não conheço um livro em que ele seja tratado. Também não vejo os muitos problemas que ele levanta formulados em qualquer outro lugar. Portanto, aqui (perdoem a um pobre historiador esse grito de artista) - aqui está um belo assunto. Tantas pessoas há que ficam tristes a cada passo: nada mais para descobrir, ao que parece, em mares muito desbravados. Que eles mergulhem na escuridão da Psicologia agarrada à História: eles vão recuperar o gosto pela exploração (p. 221).
- 2 [...]
- 3 Mas primeiro, duas palavras de definição. *Sensibilidade* é uma palavra bastante antiga, é registrada na língua pelo menos desde o início do século XIV; seu adjetivo, *sensível*, a precedeu um pouco, como pode acontecer. Ao surgir, como também acontece, a *sensibilidade* assumiu vários significados. Há os estreitos, há os mais amplos, que podem, até certo ponto, ser localizados no tempo. Assim, no século XVII, a palavra parece designar acima de tudo uma certa suscetibilidade do ser humano a impressões de ordem moral: fala-se muito então de sensibilidade à verdade, ao bem, ao prazer, etc. No

século XVIII, a palavra refere-se a uma certa maneira particular de ter sentimentos humanos — sentimentos de piedade, tristeza, etc. E o trabalho dos que estudam os sinônimos consiste, sobretudo, em opor o sensível ao terno: *sensibilidade*, escreve, por exemplo, o abade Girard em seu tratado requintado sobre *Sinônimos franceses* (uso a edição revisada por Beauzée, Paris, 1780, vol. II, p. 38) — "a *sensibilidade* refere-se mais à sensação, e a *ternura* ao sentimento. Esta tem uma relação mais direta com os transportes de uma alma que se lança na direção dos objetos; ela é ativa. Aquela tem uma relação mais marcante com as impressões que os objetos produzem na alma; ela é passiva... O calor do sangue nos leva à ternura; a delicadeza dos órgãos entra na sensibilidade. Os jovens serão, portanto, mais ternos do que os velhos; os idosos mais sensíveis do que os jovens".

- 4 Mas há outros significados da palavra. Sentidos meio científicos e meio filosóficos que a cultura, tal como é distribuída nas escolas secundárias, tende a tornar predominantes pouco a pouco. "*Sensibilidade*", como disse Littré logo de início: "a propriedade investida em certas partes do sistema nervoso, pela qual o homem e os animais percebem impressões, seja aquelas feitas pelos objetos externos ou produzidas internamente." Nós dizemos, sem embarcar em um esforço de definição pessoal totalmente ilusório e sem nos referirmos, por outro lado, à velha psicologia obsoleta das faculdades da alma (eram três, como todos sabem: inteligência, sensibilidade e vontade) — dizemos que *sensibilidade* evoca para nós, e evocará no curso do nosso presente estudo, a *vida afetiva* e suas manifestações (p. 222).
- 5 Sobre isso, aguardo a objeção: "Sendo esse o caso, de onde você tira o seu assunto: sensibilidade e história? Vamos escolher um exemplo: na base da vida afetiva e, portanto, da sensibilidade tal como você a define, há *emoções*. Agora, o que poderia ser mais rigorosamente individual, o que poderia ser mais estritamente pessoal do que uma emoção?" — Olhemos para a objeção. Mas antes deixe-me avisar a meus leitores: em tudo o que se segue, vou me referir ao excelente volume VIII da *Encyclopédie française*, A vida Mental, onde, pela primeira vez, os cientistas que estão na vanguarda extrema da pesquisa psicológica em nosso país nos deram, com rara e feliz audácia, uma imagem geral do desenvolvimento psíquico do homem observado de um lado a outro de sua trajetória - do dia de sua concepção ao dia de sua morte. E vou me referir, mais particularmente, ao artigo original sobre emoções assinado pelo próprio Dr. Wallon: poucas leituras podem iluminar melhor a lanterna de um historiador em busca de clareza.
- 6 Então, pode-se ainda objetar, o que poderia ser mais rigorosamente individual, o que poderia ser mais pessoal do que uma emoção? E ainda mais, o que poderia ser mais estritamente momentâneo? Elas não são um disfarce, ou uma resposta instantânea a certas solicitações externas? E elas não refletem mudanças em nossos órgãos que, por definição, são incomunicáveis? A vida afetiva é, de fato (para usar uma fórmula de Charles Blondel em sua *Introduction à la psychologie collective*, p. 92) o que há de "mais necessária e inexoravelmente subjetivo em nós". Então, o que a história tem a ver com todo esse personalismo, todo esse individualismo, todo esse subjetivismo psicológico? Pedimos-lhe que analise, em suas causas orgânicas, ataques de medo, raiva, alegria ou angústia de Pedro, o Grande, de Luís XIV ou Napoleão? E quando o historiador nos disser: "Napoleão teve um ataque de raiva" ou "um momento de grande prazer" — sua tarefa não estará terminada? Será que ele será convidado a descer para o mistério fisiológico das vísceras do grande homem?

- 7 Tudo isso é muito especulativo. Primeiro porque não devemos confundir: uma *emoção* é provavelmente algo diferente de uma simples reação *automática* do organismo às solicitações do mundo exterior. Como sinalização e resposta imediata, não está comprovado que as reações das quais ela é acompanhada, e que a caracterizam, sejam sempre propensas a acelerar, a tornar mais precisos, mais diversos e mais vívidos os gestos do homem preso nas garras da emoção. Pelo contrário (p. 223).
- 8 Na verdade, diz muito bem o dr. Wallon, as emoções constituem uma nova fórmula de atividade, que não deve ser confundida com simples automatismos de resposta. E elas se abastecem em outras fontes de vida orgânica: mas isso é de pouca importância para nós, historiadores, que não temos nenhuma habilitação para prosperar essas fontes. O que é muito mais importante é que, ao contrário do que pensamos quando as confundimos com simples automatismos de reação ao mundo exterior — as emoções têm um caráter particular que o homem interessado pela vida social de seus congêneres não pode mais, desta vez, ignorar. *Emoções são contagiosas*.
- 9 Elas envolvem relações de um homem a outro, relações coletivas. Elas nascem, sem dúvida, em um fundo orgânico específico para um determinado indivíduo, e frequentemente por ocasião de um evento que afeta apenas esse indivíduo, ou pelo menos que o afeta com uma gravidade, uma violência particulares. Mas elas se expressam assim; se quisermos, sua expressão é o resultado de uma série de experiências de vida comuns, de reações semelhantes e simultâneas ao choque de situações idênticas e contatos de mesma natureza; é o fruto, se preferirmos, de tal fusão, de tal concentração recíproca de várias sensibilidades - que, muito rapidamente, adquiriram o poder de provocar em todos os presentes, por uma espécie de contágio mimético, o complexo afetivo-motor que corresponde ao evento que ocorreu e foi sentido por um só.
- 10 E assim, pouco a pouco, as emoções passaram a constituir, por meio da associação de vários participantes, alternadamente iniciadores e seguidores, um sistema de incentivos interindividuais que se diversificou de acordo com situações e circunstâncias, diversificando ao mesmo tempo as reações e a sensibilidade de cada um. Mais que a harmonia assim estabelecida, que a maior segurança ou poder oferecido ao grupo por tal simultaneidade assim regulada das reações emocionais - sua *utilidade* logo se viu *justificando* a constituição de um verdadeiro sistema de emoções. Elas se tornaram como que uma *instituição*. Elas foram estabelecidas como um ritual. Muitas cerimônias, entre os primitivos, são conjuntos de simulacros cujo propósito óbvio é despertar em todos, pelas mesmas atitudes e pelos mesmos gestos, a mesma emoção — e fundi-los todos em uma espécie de individualidade superior, para prepará-los todos para a mesma ação (p. 224).
- 11 Vamos parar aqui. Tudo isso provavelmente não deixará os historiadores indiferentes? Certamente, essas são sociedades que continuamos a chamar de "primitivas", ao mesmo tempo em que continuamos a declarar tal palavra absurda. Digamos, se preferirem, que trata-se de sociedades ainda na sua infância. Mas, finalmente, não vamos ser exigentes. Essas sociedades balbuciantes cobrem mais tempo e espaço, no passado do homem, do que as nossas sociedades tagarelas de hoje. Essas sociedades balbuciantes deixaram em nós muito do seu balbuciar. Porque nada se perde se tudo se transforma. E sobretudo, o que acabamos de dizer de forma breve permite-nos apreender outra coisa, mais séria. O que acabamos de dizer nos permite testemunhar, simplesmente, a gênese da atividade intelectual.

- 12 A atividade intelectual pressupõe a vida social. Seus instrumentos indispensáveis (a linguagem em primeiro lugar) implicam, de facto, na existência de um ambiente humano no qual eles necessariamente se desenvolveram - já que seu objetivo é colocar todos os participantes em contato com o mesmo ambiente. Ora, onde encontrar o primeiro terreno conhecido das relações interindividuais de consciência entre os homens senão no que acabamos de descrever e que podemos chamar de vida emocional? O órgão especializado da linguagem, a fala articulada, não temos razões para acreditar que surgiu, que se desenvolveu a partir da mesma fonte das atividades orgânicas, de atividades tônicas como as emoções, quando vemos, ainda hoje, distúrbios das funções tônicas imediatamente levar a distúrbios da fala? - Só que, muito rapidamente, entre as emoções e as representações surgiu um antagonismo. Uma incompatibilidade foi revelada. Porque, por um lado, fomos rápidos em constatar que, assim que ocorrem, as emoções alteram o funcionamento da atividade intelectual. E, por outro lado, também percebemos rapidamente que a melhor maneira de reprimir uma emoção era representar com precisão seus motivos ou objeto - dar-nos o espetáculo dela - ou, simplesmente, engajar-nos em qualquer cálculo, em qualquer meditação. Transformar a dor em um poema ou um romance - isso foi, sem dúvida, para muitos artistas um modo de anestesia sentimental.
- 13 E assim pudemos testemunhar nas civilizações em processo de evolução esse longo drama - o recalamento, mais ou menos lento, da atividade emocional pela atividade intelectual; se, inicialmente, eram as únicas capazes de efetuar a unidade de atitude e consciência entre os indivíduos necessária para que nascessem as trocas intelectuais e seus primeiros instrumentos, elas posteriormente entraram em conflito com esses novos instrumentos de relacionamento cuja criação só elas (p. 225) tornaram possível. E quanto mais as operações intelectuais se desenvolveram em ambientes sociais em que todas as relações entre homens são cada vez mais reguladas por *instituições* ou *técnicas* - mais forte tornou-se a tendência de considerar as emoções como uma perturbação da atividade - algo perigoso, indesejável e feio: digamos, no mínimo, indecoroso. O homem honesto não se importa com nada. Se ele se orgulhasse de alguma coisa, seria de sempre manter a calma e nunca trair sua emoção. Mas é verdade que nossas sociedades não têm apenas homens honestos.
- 14 Pode-se dizer que tal esquema - cujos elementos, repito, são emprestados do belo artigo de Henri Wallon no Volume VIII da *Encyclopédie française* - não tem valor para o historiador? Tudo depende do que chamamos de história. No entanto, acho que ele tem algum interesse. E que isso nos permite não só entender, um pouco melhor, a atitude dos homens do passado, mas talvez definir um método de pesquisa, que é o nosso objetivo aqui.
- 15 [...]
- 16 Mas, por outro lado, este campo do qual afirmamos excluir qualquer imaginação intuitiva, o campo da história das ideias, o campo da história das instituições: que belo campo de pesquisa, reconstituição e interpretação para o historiador psicólogo! Seu campo de investigação por excelência. Porque, bem ao contrário, o mecanismo das instituições de uma era, as ideias desta ou daquela época: é isso que o historiador não consegue entender e fazer com que se entenda sem essa preocupação primordial, que eu chamo de psicológica: a preocupação de conectar, de vincular a todas as condições de existência da sua época o sentido dado às suas ideias pelos homens daquele tempo. Porque essas condições coloreem as ideias, como todas as coisas, com uma cor muito

clara do tempo e da sociedade. Porque essas condições, elas imprimem sua marca nessas ideias, como nas instituições e no seu jogo. E para o historiador, ideias, instituições, nunca são dadas pelo Eterno; são manifestações históricas do gênio humano em determinado momento e sob a pressão de circunstâncias que nunca mais se repetem (p. 230).

17 [...]

18 E agora, para um olhar final, vamos evocar novamente este esboço com o qual comecei – este esboço do papel da atividade emocional na história da humanidade, comparado ao papel da atividade intelectual, que eu rastreei com a ajuda dos dados elaborados pelo Volume VIII da *Encyclopédie française*. Recordemos essa espécie de curva que nos mostrava, de forma geral, o sistema das atividades emocionais respeitado, mas cada vez mais reprimido pela massa proliferante, pelo sistema invasor das atividades intelectuais: conquistadoras, dominadoras e rejeitando cada vez mais as emoções, à margem, por assim dizer, da periferia, num papel secundário e desprezível (p. 236).

19 Muito bem. E podemos, a partir daí, se formos um daqueles racionalistas destemperados à moda antiga que todos conhecemos (e que, talvez, ainda possamos conhecer muito facilmente, apenas descendo para nós mesmos em certos momentos) – podemos, a partir daí, cantar um hino triunfal bastante bonito para o Progresso. À razão. À Lógica. Mas querem que tornemos a ler o texto que eu estava usando ainda há pouco?

20 "E assim, pouco a pouco, as emoções passaram a constituir, por meio da associação de vários participantes, alternadamente iniciadores e seguidores, um sistema de incentivos interindividuais que se diversificou de acordo com situações e circunstâncias, diversificando ao mesmo tempo as reações e a sensibilidade de cada um. Mais que a harmonia assim estabelecida, que a maior segurança ou poder oferecido ao grupo por tal simultaneidade assim regulada das reações emocionais – sua *utilidade* logo se viu *justificando* a constituição de um verdadeiro sistema de emoções. Elas se tornaram como que uma *instituição*. Elas foram estabelecidas como um ritual. Muitas cerimônias, entre os primitivos, são conjuntos de simulacros cujo propósito óbvio é despertar em todos, pelas mesmas atitudes e pelos mesmos gestos, a mesma emoção — e fundi-los todos em uma espécie de individualidade superior, para prepará-los todos para a mesma ação" (...).

21 Sensibilidade na história, um assunto para amadores ilustres... Rápido, rápido, vamos voltar, não é, para a *história real*? Para as circunstâncias do caso Pritchard. Para a questão dos Lugares Sagrados. Ou a enumeração dos celeiros de sal em 1563. Isso é história. Que é apropriado ensinar a nossos filhos, nas salas de aula, e a nossos alunos nas universidades. Mas a história (p. 237) do ódio, a história do medo, a história da crueldade, a história do amor: deixe-nos, por favor, com essas literaturas sem graça. — Essas literaturas brandas, estranhas à humanidade, mas que, amanhã, acabarão por fazer do universo uma fedorenta vala comum.

22 Sim. Aqueles que, no início, talvez se perguntaram "A quem leva toda essa psicologia colocada em resumo?" — acho que podem concluir, agora: leva à história. À mais antiga como à mais recente das histórias. À história de sentimentos primitivos no lugar, *in situ*, e também à de sentimentos primitivos ressuscitados. Como à nossa história de ressurgimentos perpétuos e ressurreições sentimentais. Culto ao sangue, o sangue vermelho, no que ele tem de mais animal e primitivo. Culto aos poderes elementares refletindo o cansaço das bestas forçadas que somos – bestas esmagadas, desgastadas,

enroladas pelo barulho frenético, pelo dinamismo frenético de milhares de máquinas que nos obcecaram. Ressurreição compensatória de uma espécie de culto da Mãe Terra em cujo seio é tão bom, à noite, deitar filialmente os membros doloridos. Ressurreição, não menos universal, de uma espécie de culto ao Sol nutritivo e curativo: nudismo e acampamento, deslizamentos perdidos no ar e na água. Exaltação dos sentimentos primários, com rutura súbita de orientação e valência; exaltação da dureza em detrimento do amor, da animalidade em detrimento da cultura - mas de uma dada animalidade, testada como superior à cultura; na verdade, concluo: a sensibilidade na história vale uma investigação, uma investigação ampla, poderosa e coletiva? E a psicologia, é um sonho doentio se eu penso, se eu digo aqui que é a própria base do trabalho de qualquer historiador válido? (p. 238).

NOTAS

1. O texto inteiro não é reproduzido aqui, mas apenas alguns extratos. A paginação indicada é a do texto em *Combats pour l'histoire* (edição de 1992). Este texto foi apresentado em 1938 na Décima Semana Internacional da Síntese, consagrada à Sensibilidade no homem e na natureza.